

A projeção discursiva do *ethos* na interação examinador-examinando: um estudo da interlocução no exame Celpe-Bras

Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista*

Natália Moreira Tosatti**

Renato Caixeta da Silva***

Resumo

Este trabalho focaliza interações face a face entre examinador e examinando na prova oral do Celpe-Bras, exame brasileiro destinado à emissão do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC). Nosso objetivo consiste em analisar, a partir do arcabouço teórico da Análise do Discurso, como se dá a construção discursiva do *ethos* nessas interações, mais especificamente nos primeiros cinco minutos de conversa – conhecidos como “quebra-gelo” – destinados a tópicos de interesses pessoais do examinando, informados por ele nos formulários de inscrição. A escolha desse momento se justifica por se tratar de uma interação que tende a ser menos tensa e mais natural, servindo de preparação para a continuidade do

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia. Atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no Bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) e na Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM). É membro do Programa de Extensão Português como Língua Estrangeira, em que coordena o Curso Preparatório para o Exame Oral do Celpe-Bras para estudantes estrangeiros. <https://orcid.org/0000-0003-2056-7875>

** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia. Atuou como docente e coordenadora das disciplinas de Português como Língua Estrangeira (PLE) do Departamento de Letras, na Universidade Federal de Viçosa. Foi bolsista CAPES/REUNI no curso de Letras da UFMG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6959-982X>

***Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Professor titular. Atua na instituição desde 1997 como professor de inglês e de outras disciplinas relacionadas aos Estudos de Linguagens. Graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998) e Doutorado em Letras (Estudos da Linguagem) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3274-3071>

exame oral. Nosso problema de pesquisa define-se, portanto, da seguinte forma: como o *ethos* se constrói discursivamente no decorrer desses encontros interacionais de avaliação? Trata-se, assim, de uma análise empírica, de natureza essencialmente qualitativa e interpretativa, considerando a fala contextualizada, construída em uma situação de avaliação marcada por aspectos de interculturalidade no uso da língua portuguesa. Os dados (disponibilizados em áudios pelo INEP) foram transcritos e consistem em três interações, contando com participantes de diferentes origens: Dinamarca, Argentina e Turquia. Nesta análise, estamos compreendendo *ethos* a partir da concepção de Maingueneau, sendo igualmente importantes as contribuições de Ducrot (1984), Goffman (1995), Amossy (2016), assim como de Brown e Levinson (1987). Os dados evidenciam que os participantes são colaborativos não só na construção do *ethos* de si próprios, mas também do *ethos* institucional, marcado por demonstrações de proximidade e cordialidade.

Palavras-Chave: *ethos*; relações interculturais; examinador-examinando; exame oral; Celpe-Bras.

The discursive projection of ethos in examiner-examinee interaction: a study of interlocution in the Celpe-Bras exam

Abstract

This paper focuses on face-to-face interactions between examiner and candidate in the oral exam of Celpe-Bras, the Brazilian exam that certifies proficiency in Portuguese for foreigners, developed and issued by the Brazilian Ministry of Education (MEC). We aim to analyze, from the theoretical framework of Discourse Analysis, how the

discursive construction of *ethos* occurs in these interactions, more specifically in the first five minutes of conversation – known as «ice breakers» – that are centered around topics of the examinee’s personal interest informed by them in the application forms. The selection of this moment is justified by it being an interaction that tends to be less tense and more natural, serving as preparation for the continuity of the oral examination. Our research problem is thus defined: how is *ethos* discursively constructed in these evaluation interactions? Therefore, this is an empirical qualitative and interpretativist analysis which takes into account contextualized speech built in an evaluation situation marked by intercultural aspects in the use of Portuguese language. The *corpus* is composed of three interactions with participants from different origins: Denmark, Argentina and Turkey. In this analysis, we understand the idea of *ethos* from Maingueneau’s conception, as well as the important contributions by Ducrot (1984), Goffman (1995), Amossy (2016), and Brown and Levinson (1987). Data shows that the participants are collaborative not only in the construction of the *ethos* of themselves, but also of the institutional *ethos*, marked by demonstrations of closeness and cordiality.

Keywords: *ethos*; intercultural relationships; examiner-candidate; oral examination; Celpe-Bras.

Recebido em: 28/04/2023 // Aceito em: 23/08/2023

1 Introdução

Este trabalho, embasado em uma perspectiva sociodiscursiva do acontecimento enunciativo, focaliza interações examinador-examinando na prova oral do exame Celpe-Bras e tem como objetivo geral analisar como se dá a projeção discursiva do *ethos* nessas interações interculturais. Nosso foco recai especificamente nos primeiros cinco minutos de conversa – conhecidos como “quebra-gelo” – destinados a tópicos de interesses pessoais do examinando, informados por ele nos formulários de inscrição.

Como objetivos específicos, destacam-se:

- Elencar os aspectos que comprovam a concretização da cena englobante discurso avaliativo;
- Descrever a cenografia que se constrói interacionalmente na cena genérica exame oral;
- Apontar aspectos interacionais que podem contribuir para que a realização do exame seja bem-sucedida ou não.

O Celpe-Bras é o exame destinado à emissão do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC). Ressalta-se que, no Manual do Examinando (2015), consta que: “no Brasil, é exigido por universidades para o ingresso em cursos de graduação e em programas de pós-graduação, bem como para validação de diplomas de profissionais estrangeiros que pretendem trabalhar no país”. (Brasil, 2015, p. 8). Aplicado, idealmente, duas vezes ao ano no Brasil e em outros países, o Celpe-Bras é o único certificado de proficiência em português

como língua estrangeira (PLE) que tem o reconhecimento oficial do governo brasileiro. O Manual do Examinando enfatiza que

o Exame, por ser de natureza comunicativa, não busca aferir seus conhecimentos a respeito da Língua Portuguesa, por meio de questões sobre a gramática e o vocabulário, mas sim a sua capacidade de uso dessa língua, independentemente das circunstâncias em que você a aprendeu (BRASIL, 2015, p. 9).

Composto por tarefas que integram as quatro habilidades – compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral – o exame Celpe-Bras é organizado em duas partes: a escrita (coletiva) e a oral (individual). Como os dados em análise nesta pesquisa são advindos da parte oral, vamos nos ater a descrever essa parte do exame em específico. Assim, para a avaliação oral dos examinandos, o exame adota a interação face a face, ou seja, uma entrevista oral. Essa etapa da avaliação busca analisar o desempenho do examinando na interação com o entrevistador, também chamado de Avaliador-Interlocutor (AI). Ressalta-se que todo esse diálogo é acompanhado por um Avaliador-observador (AO). A avaliação dessa interação é de responsabilidade de ambos os avaliadores, que a fazem de forma independente. O AI é responsável por uma avaliação holística da interação, atribuindo uma única nota ao examinando. Já o AO deve conferir ao examinando seis notas distintas (Compreensão Oral, Competência Interacional, Fluência, Adequação Lexical, Adequação Gramatical, Pronúncia) com base em uma grade analítica.

Como descreve o Manual do Examinando (2015), essa entrevista, cuja duração é de 20 minutos, tem dois momentos diferentes. A primeira parte da interação, chamada de “quebra-gelo”, com duração de aproximadamente 5 minutos, consiste em

uma conversa sobre interesses pessoais do examinando, a partir das informações dadas por ele no formulário de inscrição. “A parte seguinte, com duração de aproximadamente 15 minutos, consiste em uma conversa a partir de três Elementos Provocadores (EP) – pequenos textos e imagens de temas variados que circulam na imprensa escrita brasileira”. (Brasil, 2015, p. 16). Nessa parte oral, espera-se que o candidato seja capaz de conversar, da forma mais natural possível, sobre assuntos do cotidiano e da atualidade. Nosso foco, entretanto, é nos primeiros 5 minutos de conversa, momento de início da interação com assuntos mais próximos dos interesses e das vivências dos participantes.

Este artigo parte de uma pesquisa empírica, de natureza qualitativa e interpretativa para analisar a parte inicial de 3 entrevistas realizadas num mesmo posto aplicador. Consideramos a fala contextualizada, uma vez que buscamos compreender a coconstrução discursiva do *ethos*, fenômeno não quantificável, cujos significados se constroem local e colaborativamente no curso das interações.

A seguir, apresentamos o arcabouço teórico em que se insere esta pesquisa, com todos os desdobramentos relevantes para a análise do *ethos* em nossos dados. Em seguida, detalhamos a metodologia e apresentamos nossa análise e interpretação dos trechos selecionados. Por fim, são apresentadas as considerações finais retomando os objetivos apresentados nesta Introdução.

2 Referencial Teórico

Para discutirmos o conceito de *ethos*, vamos partir dos estudos da Retórica de Aristóteles, para quem essa noção corresponde à maneira pela qual o orador constrói seu discurso

com a intenção de causar boa impressão ao seu auditório, ganhar sua confiança para, dessa forma, convencê-lo. Assim, ressalta Aristóteles (1967 *apud* Maingueneau, 2011, p.13):

Quanto aos oradores, eles inspiram confiança por três razões; as que efetivamente, à parte as demonstrações, determinam nossa crença: a prudência (*phronesis*), a virtude (*aretè*) e a benevolência (*eunoia*). Se, de fato, os oradores alteram a verdade sobre o que dizem enquanto falam ou aconselham, é por causa de todas essas coisas de uma só vez ou de uma dentre elas: ou bem, por falta de prudência, eles não são razoáveis; ou, sendo razoáveis, eles calam suas opiniões por desonestidade; ou, prudentes e honestos, não são benevolentes; é por isso que podem, mesmo conhecendo o melhor caminho a seguir, não o aconselhar.

Roland Barthes (1970 *apud* Amossy, 2016, p.10), retomando os pressupostos da antiga retórica, define *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto não sou aquilo”.

A noção de *ethos* é apresentada em Amossy (2016, p. 9):

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.

A autora ressalta que a construção da imagem de si, como “peça principal da máquina retórica, está fortemente ligada à enunciação, colocada no centro da análise linguística pelos

trabalhos de Émile Benveniste” (Amossy, 2016, p. 10), para quem a enunciação é definida como alocação, o que coloca locutor e alocutário em uma relação de interdependência.

Passando da interlocução à interação, ganham destaque os estudos de Goffman sobre a construção da imagem de si e do outro no discurso. Segundo ele, toda interação social é definida pela influência recíproca dos indivíduos que estão em contato, com o propósito de alcançar objetivos formulados previamente, de maneira consciente ou não (Goffman, 1995).

Ao trabalhar com a metáfora teatral da representação, entendida como toda a atividade que um indivíduo realiza, numa dada situação de comunicação, com a finalidade de influenciar, Goffman introduz a noção de “face”, definindo-a como a autoimagem pública delineada em termos de atributos socialmente aprovados que uma pessoa reivindica para si no curso das interações sociais.

Segundo Goffman (1995), o ser humano, em suas interações, tende a agir de acordo com uma determinada linha de conduta, ou seja, um padrão de comportamento verbal e não verbal por meio do qual ele expressa sua visão das coisas e nesta visão está seu julgamento dos outros participantes e, especialmente, de si mesmo. O autor afirma ser a preservação da face uma condição da interação, havendo, portanto, um constante esforço por parte do participante da interação para não perder a face ou não se apresentar na face errada. Nesta perspectiva, a preservação da face também diz respeito ao cuidado de salvaguardar a face do outro participante da interação, na medida em que, da mesma forma como é esperado que todo o participante tenha autorrespeito, também se espera que ele mantenha um padrão de consideração com relação ao outro, evitando desmascará-lo.

A partir disso, Goffman (1995) postula dois tipos de práticas relacionadas à face: as práticas defensivas – que objetivam salvar a própria face – e as protetoras – que procuram salvar a face do outro. Dentre as razões para as práticas defensivas, o autor ressalta o apego emocional à autoimagem, o orgulho ou a honra e o poder que seu suposto *status* permite exercer sobre os outros participantes. Com relação às práticas protetoras, destaca o apego emocional à face do outro, o reconhecimento de que o coparticipante tem um direito moral a essa proteção e o medo de uma hostilidade que pode lhe ser dirigida se o outro perder a face.

A noção goffmaniana de face é redefinida por Kerbrat-Orecchioni (1989, p. 156), que a considera como “o conjunto das imagens valorizantes que, durante a interação, tentamos construir de nós mesmos e impor aos outros”.

Amossy (2016) ressalta, entretanto, que nem Benveniste, nem Goffman, nem Kerbrat-Orecchioni usaram o termo *ethos*. De acordo com a autora, a integração do termo *ethos* ao campo da linguagem teve início com Oswald Ducrot, a partir da teoria polifônica da enunciação, também chamada de pragmática semântica, na qual locutor e enunciador são sujeitos diferentes, uma vez que o locutor “L” está no âmbito da ficção discursiva e o locutor “λ” é um ser empírico do mundo. Segundo Ducrot (1984 apud Maingueneau, 2011, p. 14),

não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu discurso – afirmações que, ao contrário, correm o risco de chocar o auditório –, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que o *ethos* está associado a L, o locutor como tal: é na medida em que é fonte de enunciação que ele se

vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável.

Ducrot (1987) aponta, portanto, que o enunciador não precisa externar “Eu sou assim”, pois sua forma de dizer já deflagra pistas para o enunciatário construir imagens que vão projetar o *ethos* discursivo. Em outras palavras, para Ducrot, o *ethos* é revelado, ele não é dito.

Como ressalta Amossy (2016), a proposta desse termo como construção de uma imagem de si no discurso, bem como sua integração ao campo da linguagem, é vista nos estudos de Pragmática e de Análise do Discurso de Dominique Maingueneau. Para o autor,

– o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma imagem do locutor exterior a sua fala;

– o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;

– é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica (Maingueneau, 2011, p. 17).

Os trabalhos de Maingueneau contribuem para o aprimoramento da noção de *ethos*, desde a obra “Gênese dos Discursos”, publicada pela primeira vez em 1984, e em obras posteriores, ao considerar que “o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação”. (Maingueneau, 2011, p. 15). Segundo o autor, a cena de enunciação compreende três cenas complementares:

A ‘cena de enunciação’ integra de fato três cenas, que proponho chamar de ‘cena englobante’, ‘cena genérica’ e cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma ‘instituição discursiva’: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. (Maingueneau, 2016, p. 75).

Deve-se considerar, portanto, que o *ethos* está fundamentalmente relacionado ao ato de enunciação. Todavia, Maingueneau (2016, p. 71) propõe uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo, ressaltando que não se pode deixar de considerar que “o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”. Trata-se do que Amossy (2016) chama de *ethos* prévio.

Também a partir de uma perspectiva discursiva, em uma abordagem da vertente norte-americana da Análise do Discurso, Brown e Levinson (1987, p.243) discutem o *ethos*, tomando-o como interacional ao referir-se especificamente à qualidade da interação que caracteriza grupos ou categorias sociais de pessoas numa dada sociedade. Refere-se, como aponta Oliveira (2000), aos comportamentos de díades, aos aspectos generalizáveis dos padrões de interação de grupos.

Assim, a partir de tudo que expusemos, estamos compreendendo *ethos* como um processo fundamentalmente dinâmico (uma vez que se instaura sociodiscursivamente) de projeção de imagens no discurso, que emergem de um comportamento verbal e não verbal, evidenciado nos e pelos modos de dizer. Ressaltamos, inclusive, que se trata de um

processo de coconstrução em que ambos os enunciadores projetam não só imagens de si e uns dos outros, mas também da própria situação enunciativa. Estamos assumindo, portanto, que o *ethos* se constrói local e colaborativamente no curso das interações sociais.

Neste estudo, conforme apresentamos a seguir, analisamos o processo de construção do *ethos* em uma situação discursiva institucional, a interação examinador-examinando no exame oral do Celpe-Bras. Esse contexto institucional será, portanto, minuciosamente detalhado e descrito na análise dos dados, a partir da lente teórica aqui apresentada que leva em conta tanto aspectos interacionais, quanto aspectos institucionais mais amplos que direcionam os participantes, sempre orientados pelas expectativas em relação ao encontro social em que se inserem, a se constituírem sob uma luz favorável (Goffman, 1995).

3 Metodologia

A pesquisa empreendida é de natureza essencialmente qualitativa, interpretativista e empírica. Como se pretende compreender a construção discursiva do *ethos*, e por ser este um fenômeno não quantificável, os significados se constroem local e colaborativamente no curso das interações. Portanto, não é pretendido por nós que os dados e nossas interpretações sejam entendidos como possíveis generalizações. Nossa intenção é analisar e apresentar interpretações para entendimento em âmbito local, sem propor generalizações e universalizações do conhecimento (Allwright, 2006).

Os dados aqui analisados foram coletados e, primeiramente, utilizados, com a devida autorização do Instituto Nacional

de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), por Costa (2015) para a realização de sua pesquisa de mestrado. Em seu trabalho, o pesquisador teve como foco investigar a “condução das entrevistas por parte dos avaliadores e apontar como essa condução pode interferir na avaliação da oralidade dos candidatos”. (Costa, 2015, p. 6). Ao revisitarmos esses dados, propomos um olhar específico aos cinco primeiros minutos dessa “conversa”, evidenciando aspectos relacionados à construção do *ethos* discursivo durante essa etapa da avaliação.

Selecionamos três entrevistas com examinandos de diferentes origens: Dinamarca, Argentina e Turquia. Todas as entrevistas foram realizadas em um mesmo posto aplicador no Brasil. Portanto, os trechos analisados por nós são de entrevistas transcritas conforme modelo de transcrição adaptado de Marcuschi (1991). Em anexo, estão os critérios e as notações utilizados. Para melhor compreensão da transcrição, os participantes estão assim registrados como Ent (entrevistador) e Exa (examinando entrevistado). O respeito ético em resguardar a identidade dos participantes foi mantido, dessa forma o nome e o número de inscrição dos examinandos, assim como o nome dos examinadores, não são informados.

4 Análise dos dados

Partindo do pressuposto de que, nos dizeres de Maingueneau (2011, p. 15), “o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação”, buscamos *a priori* caracterizar a situação enunciativa em que se inserem nossos dados. Ainda que se pretenda ser uma “conversa espontânea”, a interação examinador-examinando no exame do Celpe-Bras é uma situação discursiva institucional,

apresentando papéis bem definidos para os interlocutores: esses se encontram face a face em um exame oral que preestabelece os papéis de entrevistador e entrevistado ao examinador e ao examinando respectivamente, havendo, assim, relações de poder envolvidas, conforme discutem Villela, Neves e Tosatti (2017).

Além disso, estas são interações cronometradas que devem respeitar um tempo de duração de 5 minutos para o “quebra-gelo” e de 15 para uma conversa sobre 3 elementos provocadores, portanto, 5 minutos para cada tópico, que é previamente escolhido pelo examinador, cabendo a este, inclusive, administrar a troca de turnos, iniciar e finalizar a entrevista. Essa constituição interacional aponta para a existência de um *ethos* pré-discursivo, conforme Maingueneau (2016) ou um *ethos* prévio, de acordo com Amossy (2016). Dessa forma, não podemos desconsiderar que ambos os participantes já estão eles mesmos construindo representações do *ethos* não somente um do outro, mas também do próprio contexto interacional antes mesmo da interação ter início. Essa interação constitui-se como basicamente ritualizada, visto que mantém, para os participantes papéis previamente engendrados de entrevistador/examinador e entrevistado/examinando em uma prova oral. Isso a caracteriza como institucional, marcada por fatores interacionais bastante específicos, delineados por parâmetros contextuais que podemos chamar de conversa-exame, ou conversa-entrevista.

Segundo o instrumental teórico proposto por Maingueneau (2016) para análise da situação de enunciação, pode-se entender que a cena englobante dos dados em estudo caracteriza-se como um discurso avaliativo, com uma cena genérica fixa, pois delimita sujeitos em situação discursiva de uma prova oral, que, busca, todavia, engendrar uma cenografia próxima de uma

conversa espontânea e informal.

Para início das análises, ressaltamos novamente que, neste estudo, estamos analisando especificamente os primeiros cinco minutos de conversa – conhecidos como “quebra-gelo” – destinados a tópicos de interesses pessoais do examinando, informados por ele nos formulários de inscrição.

Vejamos a primeira interação, em que o examinando 1 é um estudante proveniente da Dinamarca, com 25 anos à época do exame, e graduação completa:

Ent	tudo bem? ((entonação <i>ascendente</i>))
Exa	tudo bom, obrigado ((entonação <i>ascendente</i>))
Ent	é: XXX, eu dei uma olhada aqui na sua ficha
Exa	Uhuh
Ent	e: você disse que: faz capoeira, musculação, toca violão, gosta de cozinhar
Exa	Uhuh
Ent	então a sua (.) é: os/os seus gostos são bem amplos, né?
Exa	não são gostos, são (...) elementos terapêuticas na minha vida

O interessante a destacar aqui é que, logo no início da interação, já se configura uma tentativa de construção de uma cenografia que se distancia de uma situação discursiva formal – um exame oral – e se aproxima de uma conversa espontânea e informal. Os cumprimentos são enunciados em uma entonação ascendente, demonstrando que ambos os enunciadores estão se mostrando, nos termos de Goffman, sob uma luz favorável, buscando não perder a face ou não se apresentar na face errada. Eles se mostram disponíveis para o desenvolvimento da interação. Os trabalhos de elaboração da face são acionados por ambos os sujeitos. O examinador, ao mesmo tempo em que administra a troca de turnos, desempenhando seu papel ao iniciar a entrevista e ao propor perguntas, demonstra que se preocupa

com a construção de uma atmosfera interacional de empatia para que o exame ocorra de forma bem-sucedida. Esse movimento representa um cuidado em salvaguardar a face do participante, uma vez que o entrevistador, ao ter que avaliar o comportamento linguístico-discursivo desse examinando, o faz promovendo um ambiente interacional de empatia para incentivá-lo a contribuir para a interação e, assim, ter dados para avaliar, constituindo, dessa forma, a cena englobante dessa enunciação, o discurso avaliativo. A escolha lexical pela expressão “dei uma olhada” sinaliza o uso de um registro linguístico informal que colabora para a projeção de um *ethos* de informalidade na interação e de proximidade em relação ao candidato.

Já o examinando busca salvar a própria face, não apenas mostrando-se disponível para a interação, ao dar pista de retorno de canal (como em “Uhum”, linhas 4 e 6), mas também apresentando respostas completas e elaboradas. Ele se mostra apto, inclusive, a discordar do entrevistador ao dizer “não são gostos, são (...) elementos terapêuticas na minha vida” (linha 8). A partir desse momento, a entrevista se desenvolve com base nas informações dadas pelo examinando no formulário de inscrição. A fala do entrevistador, na linha 5, “e: você disse que: faz capoeira, musculação, toca violão, gosta de cozinhar”, faz com que o examinando (re)inicie um processo de construção da sua imagem, deflagrado pela discordância, ao explicitar que esses elementos não são apenas “gostos”, mas sim “elementos terapêuticos” em sua vida. Essa escolha lexical (“elementos terapêuticos”), aliada à cadência sonora que lhe é atribuída e à pausa que é empregada entre o verbo e seu complemento (“são (...) elementos terapêuticas”), fornece pistas para a construção da imagem desse examinando como alguém que vê esses hábitos

como necessários para o seu bem-estar.

Um pouco adiante nessa mesma interação, o tópico conversacional muda para o curso do examinando:

- Ent e você é.. da Dinamarca?
Exa eu sou dinamarquês
Ent uhun /.../
Ent qual foi sua intenção, sua pretensão, de vir para o Brasil?
Exa intercâmbio acadêmico
Ent então você..veio para estudar
Exa [sim..isso (teoricamente)
Ent [ahan.. e você veio pela UFMG?
Exa sim
Ent é? que curso cê faz?
Exa bem: oficialmente estou vinculado a Letras, mas não faço nada de letras
Ent [é?
Exa porque o meu curso não existe aqui, eu estudo: relações entre países que falem português (.) é um tipo de relações internacionais
Ent [uhum
Exa (estudando mundo do SoftManagement) (.) só que: não existe aqui, é claro, é... eu estou vinculado a Letras porque na Dinamarca esse curso é mais (.) das humanas do que (.) aqui é muito: relações econômicos, estudo (.) é (.) econômicas, tudo isso, mas na Dinamarca é mais humano (.) (nas)humanas, estou vinculado a Letras (.) mas (.) não faço Letras
/.../
Ent sim (.) e na UFMG você fez/fez quais disciplinas?
Exa oh: eu fiz (...) turismo e meio ambiente, eu fiz, é::: política externa na América Latina, estou fazendo movimentos sociais é:: latino-americanos
Ent [uhum
Exa eu faço uma matéria de demografia, faço uma matéria (.) AH uma matéria de Letras que (..) que(..) que seja:: (morfologia) mas eu tou surfando como eu falei, né?

Nesse trecho, outras pistas são dadas para a construção da imagem. Aqui, o ritmo e a cadência sonora se mantêm como os de uma conversa espontânea e as imagens do examinando que vêm à tona são de um estudante dinamarquês, que está no Brasil para estudar, uma vez que se encontra em situação de intercâmbio

acadêmico em um curso que não é exatamente o seu (“porque o meu curso não existe aqui, eu estudo: relações entre países que falem português (.)) é um tipo de relações internacionais”) e, portanto, faz disciplinas de outros cursos. O mais curioso nessa parte da interação é observar que essa atmosfera interacional de uma cenografia marcada por traços de espontaneidade é ratificada pelo próprio examinando que demonstra se sentir tão à vontade, que faz uso de uma expressão informal, como “tou surfando”.

No final desses primeiros 5 minutos de entrevista, a cena genérica continua mantendo-se fixa, uma vez que os papéis continuam bem definidos e delineados, o entrevistador busca o engajamento do examinando, por meio de indagações, e este se mantém no papel de contribuir para o desenvolvimento da interação e responder às perguntas feitas; ambos, portanto, promovem a construção de uma cenografia próxima de uma conversa espontânea, como se pode observar abaixo.

- Ent e: tem algum lugar que cê ainda não visitou e que cê queira visitar?
- Exa algum lugar? ((responde rindo e com entonação ascendente))
- Ent algum?
- Exa tem (.)) alguns, eu tenho uma lista assim ((rindo))
- Ent ((risada))
- Exa (e ao lado) eu tenho uma lista dos fins de semanas que ainda restam e essa (lista) ((risos))
- Ent [aham
- Exa não: tem muita (.)) muita coisa que quero ainda, tenho que voltar
- Ent é:
- Exa não tem como
- Ent vai ter que voltar a quarta vez
- Exa quarta, quinta, sexta, vai ser assim ((ritmo lento))
- Ent então: a gente vai passar pro primeiro elemento...

A cenografia marcada por demonstrações de cordialidade

e espontaneidade vem, agora, legitimada por um outro aspecto paralinguístico – o riso¹. Nesse trecho, o examinando, ao dizer rindo e com entonação ascendente “algum lugar?”, constrói uma imagem de alguém que deseja muito conhecer outros lugares no Brasil. Essa imagem é corroborada na fala “quarta, quinta, sexta, vai ser assim”, em que o ritmo lento dado pelo examinando ao enunciado engendra e ratifica a construção de um autorretrato como de alguém que deseja voltar ao país outras vezes.

O riso modula não só esse enunciado, mas também outros, como “tem (.) alguns, eu tenho uma lista assim”, ressignificando a cena enunciativa, atribuindo-lhe, nos dizeres de Maingueneau (2011), um tom, que aqui pode ser entendido como a musicalidade da cenografia de uma conversa espontânea. Em outras palavras, o riso acaba desempenhando a função de diminuir a distância entre examinador e examinando, promovendo um clima interacional favorável tanto para a cena genérica – o exame oral –, quanto para a cenografia de uma interlocução cordial e, até certo ponto, espontânea.

O *ethos* constrói-se, portanto, a partir de um processo de influência mútua (Goffman, 1995; Maingueneau, 2011) em que examinador e examinando buscam, voluntária ou involuntariamente, construir certa impressão de si mesmos por meio dos trabalhos de preservação da face. Esses trabalhos, ao mesmo tempo em que corroboram os papéis de entrevistador e entrevistado previamente delineados para essa interação, engendram uma cenografia próxima de uma conversa espontânea. Isso contribui para que a interação ocorra de forma mais natural possível.

¹ Na pesquisa de mestrado “Entre o riso e a fala: um estudo das funções interacionais do riso no discurso institucional”, defendida na PUC-Rio em 1998, Tanuri analisa a presença do riso na interação atendente-cliente em uma empresa pública de grande porte do estado do Rio de Janeiro, em que constata que o riso pode assumir diferentes funções interacionais a depender da intenção comunicativa projetada na interlocução.

O comportamento verbal e não verbal demonstra, conforme prevê Ducrot, que o *ethos* não é dito e sim revelado. A entonação ascendente, o ritmo, a cadência sonora, a pausa, o riso são recursos paralinguísticos que sinalizam a construção de uma cenografia propícia para a configuração de uma cena genérica fixa, o exame oral, o que demonstra que “uma ‘maneira de dizer’ evoca uma ‘maneira de ser’” (Salgado, 2011, p. 86), e, portanto, um *ethos*.

Participar dessa cena englobante – o discurso avaliativo – exige que os participantes consigam manter-se em seus papéis preestabelecidos de examinador e de examinando, mantendo um tom para a interação, nos dizeres de Maingueneau (2011). O *ethos* do examinador é explicitado por um esforço constante de desempenhar seu papel de entrevistador, ao mesmo tempo em que expressa o cuidado em salvaguardar a face do examinando, atribuindo, ao ambiente interacional, um tom de empatia que torna possível a concretização da cena englobante.

Estando, portanto, “vinculado ao exercício da palavra” (Eggs, 2016, p. 31), o *ethos* que se revela para o examinando demonstra que esse participante tem conhecimento do que dele se espera para a atuação nessa cena genérica, ou seja, ele se mantém no papel de contribuir para o desenvolvimento da interação e responder às indagações feitas. Ressalta-se, contudo, que, nesse jogo interacional, engendrado pela cena enunciativa de uma prova destinada à emissão do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, o examinando busca, nos dizeres de Goffman, salvar a própria face, construindo, concomitantemente, um *ethos* que o legitime como um participante que tem as competências exigidas pelo exame: compreensão e produção oral.

A seguir, apresentamos a análise da interação com o Examinando 2, que é do sexo feminino, proveniente da Argentina, com 31 anos à época, e graduação completa.

Ent	tudo bem XXXXX? ((entonação ascendente))
Exa	TUdo bem. ((entonação ascendente))
Ent	eh:::você colocou aqui na sua ficha que você é de Divinópolis?!
Exa	eh:: não sou... tô morando em Divinópolis ((risos))
Ent	[uhum (.) e você tá morando em Divinópolis já (.) há quanto tempo?
Exa	quase um ano
Ent	quase um ano?
Exa	uhum, sim
Ent	[uhum e você (.) veio (.) pro Brasil a trabalho? como que foi?
Exa	[sim (.) é: (na verdade eu) estava morando na França é: tinha que pensar onde eu ia ir (.) e aí ham: (.) eu pensei eu quero conhecer mais uma cultura, aprender mais outra língua é: mas não queria, por exemplo, aprender mandarim
Ent	[uhum
Exa	((risos)) achava muito difícil é: o português é muito usado pra trabalhar na Argentina, (.) muitas vezes, muitos trabalhos (.) então achei que seria muito bom pra mim (.) aprender português
Ent	uhum (.) então você veio da (.) da França
Exa	[da França pra Divinópolis
Ent	[direto pro Brasil

Nessa interação, mais uma vez podemos perceber, logo no começo, a tentativa de construção da cenografia de uma conversa espontânea e informal, marcada pela entonação ascendente dos cumprimentos iniciais e pela presença do riso. O curioso aqui é que os trabalhos de preservação da face se iniciam com o riso da examinanda que, ao perceber que forneceu uma informação errada no formulário de inscrição, usa o riso como uma estratégia defensiva, para mitigar o que Brown e Levinson (1987) chamam de ato de ameaça à própria face. Assim, a entrevista tem seu desenvolvimento com o aval do entrevistador que demonstra

que entende o equívoco da examinanda ao dar continuidade à conversa. Esse procedimento revela o cuidado do entrevistador em salvaguardar a face da examinanda. A partir desse momento, a participante demonstra que está agindo de acordo com uma determinada linha de conduta para causar boa impressão de si nessa interlocução discursiva. Ao serem explicitadas as razões pelas quais ela veio para o Brasil, emergem traços que permitem a construção de um autorretrato de alguém que gosta de conhecer outras culturas e outras línguas e que seu interesse em aprender a língua portuguesa está relacionado à alta frequência com que a língua aparece no mundo do trabalho na Argentina.

Na continuação dessa entrevista, novas imagens de si são reveladas.

- | | |
|-----|--|
| Ent | que bacana (.) e::: você é professora? |
| Exa | é::: na vida real não ((risos)) sou professora, sou (.) licenciada em (.) Turismo e Hotelaria |
| Ent | [uhum |
| Exa | é::: só que não tem muito trabalho lá ((risos)) em turismo, é: então eles me falaram pra/prá ser professora, no princípio não queria muito, porque não (.) não estudei Letras, eu estudei (.) estudei línguas, sim, fiz a provas internacionais de francês, inglês, (.) é sei espanhol |
| Ent | [uhum |
| Exa | é: um::: só que não estudei línguas, então não! Letras, é: não estava muito convencida, mas no final (.) acabei dando aula sim ((risos)) |

A partir desse momento, desvelam-se novos esforços por parte da examinanda para não perder a face ou não se apresentar na face errada. Ao dizer “é::: na vida real não ((risos)) sou professora, sou (.) licenciada em (.) Turismo e Hotelaria”, ela explicita o *ethos* de alguém que, em busca de trabalho, precisou assumir uma identidade profissional que não é a sua, o que se confirma na sua próxima fala: “é::: só que não tem muito trabalho lá ((risos)) em turismo, é: então eles me falaram pra/prá ser professora, no princípio não queria muito, porque não

(.) não estudei Letras/.../mas no final (.) acabei dando aula sim ((risos))”.

O riso, mais uma vez, funciona como uma estratégia mitigadora da ameaça à face que a examinanda acaba se autoinfringindo ao revelar desempenhar uma profissão para a qual não se sente preparada. Assim, o *ethos* vai se descortinando, emergindo a partir do riso que assume a função de um ato meta-comunicativo pelo qual se exhibe uma atitude acerca do que se está dizendo. Assim, a cenografia que se instaura, com base no tom da interação, constrói-se com base em um *ethos* de alguém que está atento à imagem de si que é criada a partir do discurso. A examinanda demonstra seu desejo de não perder a face ao mesmo tempo em que revela ser uma participante apta à cena englobante – o discurso avaliativo – ao participar ativamente da entrevista, colaborando com respostas longas e complexas.

Passemos agora para o nosso último excerto a ser analisado. O examinando 3 é do sexo masculino, proveniente da Turquia, com 20 anos no momento do exame, e graduação completa.

Ent	XXX, você é da Venezuela, não é isso?
Exa	não:: é: da Turquia
Ent	Turquia, desculpa, é que eu olhei outro (.) tá, da Turquia, e há quanto tempo cê tá aqui no Brasil, XXX?
Exa	foi dos anos e meio (.) quase!
Ent	[dois anos e meio quase
Ent	[quase (.) e você já sabia (.) português antes de vir pra cá?
Exa	ah não, eu achava que o Brasil fala espanhol
Ent	ah: certo (.) daí cê aprendeu espanhol antes de vir (.) ou você:::
Exa	depois de vir
Ent	depois de vir?
Exa	Aham

Nesse excerto, como estratégia de aproximação, a entrevistadora interpela o examinando pelo seu nome (aqui indicado pela sequência de x, com a finalidade de não revelar o nome do examinando por questão de ética na pesquisa, como

sinalizado anteriormente). Essa estratégia busca estabelecer envolvimento com o candidato e revela a tentativa de criar uma face protetora favorável para o examinando, o que pode contribuir para a instauração de uma cenografia próxima de uma conversa descontraída. Entretanto, na sequência, o engano cometido pelo entrevistador a respeito da origem do examinando quebra o ritmo da interação. Apesar de sua justificativa para o engano “é que olhei outro” (formulário) e seu pedido de desculpas “Turquia, desculpa”, a conversa não flui, o ritmo é lento.

Na sequência, o entrevistador introduz outro tópico na tentativa de firmar a interação, perguntando ao examinando sobre seu conhecimento da língua portuguesa. Nesse momento, o examinando revela seu desconhecimento anterior sobre a língua nacional do Brasil com a afirmação de que “eu achava que o Brasil fala espanhol”, revelando, assim, pouco investimento numa face defensiva, já que, para uma situação de prova de proficiência de língua portuguesa, ele se mostra alheio a isso. Essa revelação contribui para que o ritmo da interação continue lento e a cenografia de uma conversa informal não se instaure.

Na tentativa de prosseguir, a entrevistadora parafraseia o dito do examinando “então você chegou/ você não sabia muito (.) do português?”, e se aproveita desse tema para seguir seu intento. Entretanto o examinando se mostra pouco colaborativo, respondendo-lhe apenas com monossílabos “não”, “sim”, até que ele é quem introduz novo tópico “pra fazer faculdade mesmo”.

- Ent certo (.) então você chegou/ você não sabia muito (.) do português?
Exa não, (sobre)
Ent [e você veio pra estudar? é isso?
Exa sim
Ent Certo
Exa [pra fazer faculdade mesmo

Nesse momento, a iniciativa do examinando, que poderia ter colaborado para que a interação se desenvolvesse, novamente se complica, pois o entrevistador mais uma vez se confunde com as informações da ficha do examinando, revelando uma ameaça à face de si próprio como avaliador. Na tentativa de recuperar seu papel, o entrevistador vai parafraseando as informações da ficha de inscrição por meio de perguntas retóricas, como: “você faz é relações internacionais, que você colocou aqui?”, deixando pouca margem para o examinando desenvolver sua fala.

- Ent faculDAde (.) você faz é relações internacionais, que você colocou aqui?
Exa Isso
Ent certo (.) tá gostando (.) do curso?
Exa sim
Ent lá na UFMG, não é isso?
Exa ah não, Uni-BH
Ent Uni-BH (.) AH, o curso que você fez de língua portuguesa que é na UFMG, não é isso?
Exa Não
Ent não? você fez curso livre ou foi (.) é:
Exa eu fiz um (.) curso de língua portuguesa em São Paulo
Ent AH, em São Paulo?
Exa mas não é uma coisa oficial
Ent certo, durante pouco tempo?
Exa seis meses quase mas (.) ficou muita faltando, muita!

Entretanto, o entrevistador, ao introduzir novo tópico “que você achou de mais diferente assim culturalmente falando do Brasil”, finalmente, consegue retomar o seu papel enunciativo previamente estabelecido pela interação institucional de exame de proficiência, e a cenografia de uma conversa informal vai se configurando.

- Ent voltou pra cá pra estudar, certo (.) e: o que que você achou de mais diferente assim culturalmente falando do Brasil com a Turquia? muito diferente?
Exa assim (.) primeira vez que eu (.) vim pra cá eu percebi (.) uma coisa (.) brasileiros falam gritando
Ent gritando? você acha que fala mais alto?

- Exa Muito
Ent [muito mais alto?
Exa nos é: nos ônibus (.) eles falam um pouco gritando aí (...) outra coisa é: estilos de cabelo
Ent [ham:
Exa foi um pouco diferente
Ent [diferente
Exa mas agora (.) acostumei demais é: nem consigo perceber alguma diferença mais, mas eu (.) achava que era diferente
Ent Uhum
Exa além disso (.) acho que não é (.) tanta diferente turcos e brasileiros
Ent você se acostumou rápido, cê acha?
Exa acho que (.) acostumei!

A partir daí, os esforços de ambos para preservarem suas faces e não se apresentarem na face errada vão numa espiral de colaboração mútua e a cenografia de conversa informal, que se pretende construir na primeira fase do exame oral, se estabelece. Nota-se a coconstrução de um *ethos* colaborativo empreendido por ambos, o que favorece para imprimir um tom mais confiável e uma interação mais ritmada.

A seguir, evidenciamos os resultados desta pesquisa, ressaltando as principais constatações a que chegamos e sua inter-relação com outras possibilidades e sugestões de novos estudos.

5 Considerações finais

Ao fim dessas análises, cremos ter evidenciado como se dá a construção discursiva do *ethos* nas interações realizadas na fase inicial, denominada “quebra-gelo”, da prova oral do Celpe-Bras. Vimos que a cena enunciativa se configura como um discurso avaliativo, cujo contrato de comunicação de sua cena genérica é a prova oral; e define bem os papéis a serem desempenhados

pelos seus participantes, configurando-se, assim, como uma situação discursiva institucional. No entanto, nessa fase inicial, a cenografia que se instaura não é imposta pelo gênero do discurso. Ela é instituída pelo discurso, configurando-se, assim, como uma conversa informal em que se identifica a coconstrução de um *ethos* colaborativo dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, observamos, no modo como os participantes, em suas ações, constroem conjunta e colaborativamente o tom da conversa e a qualidade das interações em três situações do exame oral do Celpe-Bras.

Tendo em vista que o objetivo do exame é averiguar a proficiência comunicativa do examinando e não seu conhecimento linguístico-formal da língua portuguesa, a validação da cenografia de uma conversa informal vai se estabelecendo progressivamente, ou seja, “quanto mais o co-enunciador avança no texto, mais deve se persuadir que aquela cenografia, e nenhuma outra, é que corresponde ao mundo configurado pelo discurso”. (Possenti, 2011, p. 247). Sendo assim, a cenografia do “quebra-gelo” é extremamente eficaz para a produção de um conjunto de efeitos de sentido que promove o “aquecimento” da interação, fazendo com que os participantes se inscrevam no espaço e tempo do exame de forma colaborativa. Nota-se também que, nessa primeira etapa da entrevista, o examinando já fornece “indícios” sobre sua proficiência, ao fazer uso de expressões mais espontâneas, como demonstrado nas interações com os examinandos 1 e 2, na forma de negociar opiniões. No caso do examinando 3, que, mesmo parecendo ter menor competência interacional, este consegue reagir às informações equivocadas apresentadas pelo entrevistador.

Evidenciamos que as perguntas do entrevistador no “quebra-gelo” não representam, exatamente, pedidos de informação desconhecida, mas, sim, uma tentativa para deixar o candidato mais à vontade, ou seja, menos pressionado pelo objetivo do encontro: um exame que busca avaliar o grau de proficiência do candidato estrangeiro em Língua Portuguesa. Trata-se, portanto, de uma importante estratégia discursiva que, sendo utilizada adequadamente pelo entrevistador, servirá para instaurar uma atmosfera interacional favorável para que o exame aconteça de forma bem-sucedida. Assim, se partimos do pressuposto de que, segundo Maingueneau, estar num certo discurso implica adotar um certo tom, um comportamento, um *ethos*, ficou evidenciado, nessas interações, a projeção de diferentes tons: informal, jocoso e sério, o que foi demonstrado não apenas na análise do que foi dito, mas, sobretudo, na análise dos modos de dizer, contextualizados por recursos paralinguísticos como o ritmo da fala, a entonação e o riso. Essa constatação confirma a importância decisiva da validação da cenografia de uma conversa informal nessas interações, sobretudo, pelo entrevistador.

Quanto ao alcance do primeiro objetivo específico (elencar os aspectos que comprovam a concretização da cena englobante discurso avaliativo), evidenciamos que essa cena se funda a partir de uma cena genérica fixa, na medida em que delimita sujeitos em situação discursiva de uma prova oral. Esse discurso avaliativo constitui-se, portanto, como interações ritualizadas, visto que mantém, para os participantes, papéis previamente definidos de entrevistador e entrevistado em um exame oral, o que caracteriza essas interações como institucionais, marcadas por fatores interacionais bastante específicos, delineados por parâmetros contextuais que podemos chamar de conversa-

exame, ou conversa-entrevista.

Em relação ao segundo objetivo (descrever a cenografia que se constrói interacionalmente na cena genérica exame oral), constatamos que, além de tratar-se de uma situação discursiva institucional, que prevê papéis bem delimitados para ambos os interlocutores, as relações de poder envolvidas se manifestam, sobretudo, nas incumbências do papel do entrevistador que deve cronometrar as interações, escolher os tópicos – elementos provocadores –, administrar a troca de turnos, além de iniciar e finalizar a conversa-entrevista. Ademais, a cenografia do exame oral é ratificada pelo examinando a quem cabe o papel de entrevistado, de quem é esperado participar da conversa, contribuindo para seu desenvolvimento. Assim, ambos os participantes já estão eles mesmos construindo representações do *ethos* não somente um do outro, mas também do próprio contexto interacional do exame antes mesmo de a interação se iniciar.

Já no que se refere ao terceiro objetivo – (enumerar aspectos interacionais que podem contribuir para que a realização do exame seja bem-sucedida ou não), constatamos que todos os aspectos que demonstram contribuir para o sucesso do exame revelam a importância da construção de uma cenografia próxima da conversa espontânea, marcada por recursos paralinguísticos, como a entonação ascendente, o ritmo, a cadência sonora, a pausa, o riso. Estes sinalizam a construção de uma cenografia propícia para a configuração da cena genérica fixa, o exame oral, fazendo com que essa cena não seja uma troca repetitiva e mecânica de perguntas e respostas, como normalmente se prevê para o gênero entrevista. Assim, esta pesquisa demonstrou que são muito bem-vindas estratégias que demonstram o cuidado em salvaguardar

a face do examinando, atribuindo ao ambiente interacional um tom de empatia, que pode ser promovido, inclusive, por meio da interpelação do examinando pelo seu nome.

Quanto aos aspectos que podem, de alguma forma, comprometer o desenvolvimento do exame, observamos os casos de engano por parte do entrevistador quanto às informações da ficha de inscrição do examinando, uma vez que confusões desse tipo, mesmo que acompanhadas de pedidos de desculpa e de justificativas, quebram o ritmo da interação. O mesmo foi constatado em relação às paráfrases feitas pelo entrevistador das falas dos examinandos, pois esse recurso deixa pouca margem para o examinando desenvolver sua fala, já que o leva a ser pouco colaborativo, respondendo apenas com monossílabos, como “sim” e “não”.

Não pretendemos, contudo, esgotar as análises e o alcance de nosso objeto de estudo. Assim, acreditamos que novas pesquisas possam ser feitas para compreender, a partir de uma perspectiva intercultural, os dados em análise nesta pesquisa e, dessa forma, novas contribuições poderão ser dadas aos estudos hoje existentes sobre esse importante exame de certificação de proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação.

Referências

ALLWRIGHT, Dick. Six Promising Directions in Applied Linguistics. In: GIEVE, Simon; MILLER, Inés Kayon de. *Understanding the Language Classroom*. Hampshire, UK: Palgrave Macmillan, 2006. p. 11-17.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: Amossy, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Manual do Examinando*. Brasília-DF, 2015. Disponível em: http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/manual/2012/manual_examinando_celpebras.pdf. Acesso em: 16 mar. 2019.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness. Some universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

COSTA, Augusto da Silva. *A avaliação de proficiência oral no exame Celpe-Bras: análise da condução das interações face a face*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Théorie des faces et analyse conversationnelle*. Le Frais parler d’Erving Goffman. Paris: Minuit, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: Motta, Ana Raquel; Salgado, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios).

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Ethos interacional em situações de atendimento. *Veredas, revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 59-65, 2000.

POSSENTI, Sírio. Cenografia, éthos e interlíngua em “Ocoбрador”: uma questão de estilo. In: EMEDIATO, Wander; LARA, Glaucia Muniz Proença (org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.237-254.

SALGADO, Luciana. Um ethos para Hércules: produção dos sentidos e tratamento editorial de textos. In: Motta, Ana Raquel; Salgado, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2011.

TANURI, Patrícia Rodrigues. *Entre o riso e a fala: um estudo das funções interacionais do riso no discurso institucional*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

VILLELA, Ana Maria Nápoles; NEVES, Liliane de Oliveira; TOSATTI, Natália Moreira. Relações de poder no exame Celpe-Bras. *Linha D'Água, [S. l.]*, v. 30, n. 1, p. 115-126, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/127548>. Acesso em: 16 maio. 2023

Anexo

Os critérios para a transcrição dos dados foram adaptados de Marcuschi (1991):

1. [[- falas simultâneas;
2. [- sobreposição de vozes;
3. [] - sobreposições localizadas;
4. Pausas: - (.) (pausa breve) e (...) (pausa longa);
5. (): dúvidas e suposições (escrever “incompreensível” entre parênteses; ou escrever o que se supõe ter ouvido entre parênteses);
6. Truncamento brusco: /;
7. Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA;
8. Alongamento de vogal: “:” ou “.:” (a depender da duração da vogal)
9. (()) – comentários do analista;
10. - - - - : silabação – quando uma palavra é produzida silabadamente;
11. Sinais de entonação: ? (entoação ascendente) e ! (entoação descendente);
12. Repetição: reduplicação da letra ou sílaba repetida);
13. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: “eh”, “ah”, “oh”, “ih:”, “mhm”, “ahã”;
14. Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: “...” e “/.../” a. “...” no início e no final de transcrição: indicação de que se está transcrevendo apenas um trecho b. “/.../” – corte na produção de alguém.